

DA REDAÇÃO

11/03/19xx - da redação

Os dias pacatos de nossas humildes calçadas foram tremendamente abalados por acontecimentos de ontem. Debaixo da sombra enviesada de meio de tarde, em frente ao prédio dos loucos, dois corpos estenderam-se em sua bruta naturalidade aos olhos de todos os passantes, passados e passarinhos. A história crua de um par afastado de si por paredes no alcance do tato e unidos pela (falta delas) no alcance da mente; par tal que depois de anos se comunicando por olhares combinaram (às riscas de data, hora e lugar) o se-jogar na paisagem, e de fato se jogaram, ensaboados e amarrados arruinando a rua.

Enquanto as autoridades públicas e alguns segmentos

de mesa de bar discutem a necessidade óbvia e torpamente esquecida por algum engenheiro nanquim de, para ontem, já ter-se instalado grades nas janelas do retiro dos doudos, uma parte mais iluminada das cozinhas e trombadas de esquina discute vivamente as minúcias dos dois amantes.

À boca miúda, se encontram detalhes revelados nas mais obtusas fontes sobre a força pulsante da vastidão interior, que ainda há pouco era visível derramada no pavimento. Desses comentários furtivos, soube-se que André Elias "Cepeão" e Luna "Laís" Clara, internados no mesmo mês de dois anos passados, reconheceram-se pelas vistas como portadores do mesmo fogo interior, e patrocinaram fuzarcas entre outros internos para que no meio da confusão

pudessem ficar apenas trocando olhares, a maior fonte de ideias do par. Foram se conhecendo, descobrindo os gostos um do outro, descobrindo as músicas que gostavam de cantarolar para si próprios, trocando histórias de suas terras natais, e às vezes, tristes, desdizendo que a liberdade que encontraram na cabeça não era compartilhada com o resto dos membros, estes de fato um pouco desvirtuados das ações.

Entretanto, houve dia que decidiram por finalmente tentar. Talvez indo juntos conseguiriam regar cada um seu próprio passo - pois de fato andavam meio descompensados -, conseguiriam andar por aí sem serem notados e logo atirados em outra prisão. Durante as saídas para o banho, trocaram pequenas cartas com os olhares, que

envolviam piscadelas, jogadas de sobancelha e silêncios de íris. Jogaram entre si. Cada um era uma pequena peça de um cenário maior, cercado de intrigas e perigos, vivendo em times tão opostos quantos os seus quartos no corredor, buscando fazer com que, passando-se por alheios, conseguissem terminar em casas lado a lado, vencesse quem vencesse. Decidiram. Talvez não houvesse fim. Talvez algum deles ficasse pelo caminho.

E, já não suportando mais que talvez, fugiriam - e no raiar do dia, para subir ao firmamento junto com o sol. Com medo de se separarem quando ofuscados pela luz, se amarraram pelos pulsos, e a pele ensaboada não deixaria que ninguém os segurasse, ou quem sabe que ficassem presos na

janela. Atiçaram os companheiros para alguma fuzarca, e, de oportunidade bem aproveitada em mãos, saíram a voar pelas janelas. Disseram alguns que puderam ver suas sombras, procurando uma posição confortável num abraço nunca antes experimentado, em pleno primeiro voo, que ficaram uns minutos assim, assistindo a cidade, e depois partiram, para sabe-se onde. Os corpos? Deixaram só pra enganar, para que nenhum médico não-existe-gente-que-voa fosse-lhes aos calcanhares.

Claro, tudo aqui não passa de um almanaque, colcha de retalhos de história que, por inteiro, todos ficarão sem saber. Mas fato é que hoje a cidade se divide em dois tipos de pessoas: os que, defronte o hospício, passam e olham o chão,

procurando por marcas; e os que
passam atentos ao céu, fazendo
figa para a fuga do casal.

UM ROSTO ESTRANHO

Um rosto estranho no espelho, grisalho nas
têmporas.

- Acorde. Respire por mim.

Foram as palavras ouvidas por ele, ditas pela
bela brisa, sua mulher morta há cinco anos. Ele en-
tão despertou. Era um domingo de final de ano, mais
quieto, impossível, o calor era forte. Olhou para o la-
do, o relógio em cima do criado-mudo marcava três
da tarde, com números vermelhos distorcidos pelo vi-
dro do copo d'água, que estava quase caindo no chão.
Levantou-se, abriu a janela totalmente, mas nenhum
ventinho sequer. Ligou o computador, foi à cozinha
pegar algo para comer, como de costume. Lembrou-se
do sonho e começou a se perguntar qual poderia ser
o sentido daquelas palavras.

Desde que Brisa morrera, não conseguia en-
gatar nada em sua vida. Ainda carregava o “coitado”
em sua testa, e se aproveitava inconscientemente dis-
so para se acomodar diante à vida, não procurando

mais nada de novo para se animar. “Deve ser por isso”, pensou. “Essas palavras poderiam ser para me animar, me fazer levantar de vez e voltar à vida de antes, quando era fotógrafo”.

Abriu uma caixa de fotos antigas. Várias de Brisa, seus amigos, crianças... Fotos.

Começou a ter uma sensação estranha. Talvez um enjoo, misturado com um certo desespero. Pensamentos desconexos, sobre coisas passadas já resolvidas se embolam em sua mente. Queria desesperadamente algo que não sabia o que era. Algo que o confortasse, que o tirasse dali. O calor aumentava. Para se acalmar, resolveu tomar um banho. Aquilo podia ser coisa de sua depressão.

Entrou no banheiro, ligou o chuveiro, abriu a torneira totalmente para a água ficar o mais fria possível. Despiu-se. Olhou-se no espelho. O rosto de um homem cansado, frustrado se encontrava a sua frente. Começou então a pensar como o tempo pas-

sara. Tantas mudanças, tristezas, incertezas, fizeram com que cinco anos tivessem o peso de quinze. Seu rosto aparentava uma idade mais avançada – além de grandes entradas, agora o branco já subia-lhe as têmporas. Entrou no chuveiro, a água estava gelada, isso já era um grande alívio. Aos poucos, se acalmava, a angústia ia embora com a água e sabão. Desligou o chuveiro, enrolou-se na toalha e saiu.

Um pouco mais tranquilo e conformado, se sentou em frente ao computador e decidiu procurar alguns bicos para fazer. Mas algo o impede de prosseguir. Levantou-se, foi até a janela observar a imagem lá fora. O pôr-do-sol fazendo aquela luz laranja e o vizinho no típico “pós-almoço-de-domingo” com a família vendo futebol na casa ao lado remetem a ele novamente aquela sensação deprimida. Resolveu então deixar para depois o que começara. Alguma outra hora, outro dia... Depois. Sentou-se na cama, olhou o relógio, que agora marcava cinco e meia, tomou um

gole d'água, deitou-se e, novamente, assim como de costume, dormiu para a vida passar.

TRÍPTICO

Era o nono passageiro do dia. Às 17:33 Cauã encostou o carro na frente de um prédio antigo, parede de tijolos vermelhos. Da fresta que se abriu da larga porta de vidro escuro, saiu a mulher, que se sentou no banco de trás e afivelou o cinto de segurança sem dizer uma palavra. Olhou a mulher pelo retrovisor e viu que ela era jovem – os cabelos muito pretos, soltos, cobriam as orelhas e parte do rosto. “Boa tarde. Fernanda?” De volta olhou para ele um rosto bonito que nada lhe respondeu, apenas sorriu de leve sem mostrar os dentes. Entendendo olhar e o sorriso como uma réplica para o seu “boa tarde”, Cauã achou que era o suficiente, por enquanto. Deu então a partida e começou a seguir a rota do GPS, adiantando o mapa para o ponto de destino e calculando quanto tempo levaria até voltar para buscar o Rômulo na faculdade. Agora eram 17:36. Deveria estar lá para buscá-lo por volta das 18:00. Chegar ao destino da passageira levaria cerca de 25 minutos,

e para chegar até a faculdade, pelo menos mais 20. Olhou novamente pelo retrovisor. Ela continuava olhando de volta com o mesmo sorriso amistoso. Não falaram nada, mas Cauã começou a se sentir melhor.

Refez mentalmente o passo a passo do dia, desde a hora que acordou e seguiu direto para o café/almoço, até a hora que pegou o carro com Rômulo na faculdade. Depois os outros oito passageiros do dia. Monótono e frustrante. O primeiro passageiro até tentou manter uma conversa que ele mesmo iniciou, mas tinha uma personalidade incompatível para sustentar um diálogo estimulante. Cauã somente aguentou até o fim da viagem sem se sentir interessado pela conversa e, ainda sim, sem motivos para testar o sujeito. A segunda, o terceiro e o quarto passageiros fizeram trajetos curtos, então não havia oportunidade de testar eles. O quinto passageiro, a princípio, pareceu que poderia render

algo mais. Ele solicitou a viagem 15:10, entrou no carro carregando um monte de sacolas de lona e parecia ter acabado de sair de uma festa que devia ter começado na noite anterior. Olhos vermelhos, barba por fazer e uma combinação curiosa de roupas. Acabou que era só um garoto de 17 anos que tinha acabado de acordar. Ia a mando da mãe até a casa da avó, buscar roupas para doação. Nada interessante.

A sexta era uma mulher madura e bem vestida, em Cauã se acendeu uma expectativa. Ao entrar no carro deu um “Boa tarde” seco, ao que ele respondeu com uma ponta discreta de ânimo. Perguntou o nome da passageira em tom de confirmação, que, por sua vez, respondeu “Isso”, com a mesma secura. Arrancou o carro e então tentou iniciar uma conversa. Mas para cada investida, a mulher se mostrava mais evasiva e desinteressada. Respondia de forma monossilábica enquanto olhava para a tela do celular, de dentro das

grandes lentes dos óculos escuros. Antecipando que não iam se engajar em nenhum assunto, Cauã viu a oportunidade. Na rua seguinte, onde segundo o GPS deveria virar a esquerda, pegou a direita, sentindo nesse instante um leve arrepio na coluna, bem perto do cóccix. Continuou seguindo, e abriu um pouco a janela para sentir o vento no rosto. Quando começou a voltar no tempo e a pensar em coisas antigas, a voz da moça no banco de trás o trouxe de volta à realidade. Percebendo que ele não estava seguindo o GPS, ela passou a indicar o caminho até chegarem ao destino, o que em Cauã causou um misto de raiva e enjoo. Para ele era como ser atirado de um momento sublime para algo enfadonho e deprimente – cada vez que acontecia isso ele se sentia mais um pouco mais frustrado do que da última vez. Mesmo assim, a sensação de voltar ao passado e estacionar alguém no seu próprio tempo era irresistível. Quando parou para buscar o sétimo passageiro sentiu

uma gota de suor frio escorrendo da axila até a cintura. Sentia que aquele seria um daqueles dias, em que para os seus propósitos nem valia a pena pegar o carro. E assim foi, até a nona passageira.

Depois de dar início a corrida, e passado o período de tolerância que usou para refazer o passo a passo do dia, Cauã tentou iniciar uma conversa. Perguntou a ela se a temperatura estava agradável ou se preferia que ele ligasse o ar condicionado, e se ela tinha alguma rádio de preferência. Mas sem esperar uma resposta, com um tom de empolgação, disparou a falar sobre as estações que mais escutava enquanto dirigia, e sobre como ele se considerava uma pessoa eclética, que conhecia muito sobre música e outras artes.

Percebendo o silêncio entre as pausas de sua fala, Cauã se calou, olhou de novo para o retrovisor e

viu o mesmo rosto, o mesmo olhar e o mesmo sorriso, impassíveis. Não se sentiu mal por isso. Agora ele já se sentia muito bem e, na verdade, estava curioso para entender aquele silêncio amistoso, já há algum tempo tão estranho a ele. Conteve os seus pensamentos, desviou o olhar para a rua e relaxou por alguns minutos.

Ao ver um grupo de alunos uniformizados saindo de uma escola, lembrou que precisava buscar o Rômulo na faculdade e não teria mais nenhum passageiro naquele dia. Com a adrenalina voltando a circular no corpo, se esforçou tentando pensar em algo inteligente para falar e extrair alguma coisa daquela mulher. O celular acendeu, mostrando uma notificação de uma mensagem de Rômulo, perguntando se ele demoraria para buscá-lo - a adrenalina subiu. Pensou de novo no silêncio e no sorriso da mulher no banco de trás. Desesperou-se em fazer qualquer coisa para não perder o

dia e resolveu perguntar se estava tudo bem com ela e se desculpar pelo monólogo de logo menos. A resposta que teve foi a mesma foto, vinda do retrovisor. O sentimento apaziguador que girava no seu interior, desde que ela entrara no carro, misturado com a onda de adrenalina, se dissipou. Cauã desistiu de tentar estabelecer uma compatibilidade dialógica e decidiu testá-la para aproveitar a última oportunidade.

Na rua seguinte, onde deveria virar à direita, segundo o GPS, pegou a esquerda e seguiu. Eram 17:43. A essa altura Cauã já tinha plena consciência de que iria se atrasar para buscar o Rômulo, e acreditava-se convicto de que valeria a pena. Abriu um pouco o vidro, para sentir o vento na cara.

O fedor que invadiu o carro foi insuportável, podre. Sentiu ânsia de vômito. Fechou imediatamente a

janela e olhou para o retrovisor. Impassível. Mudou a estação de rádio e na próxima rua onde deveria virar à esquerda, seguiu reto. Chegaram até um bairro tranquilo, com muitas casas e árvores nas ruas. Algumas pessoas passeavam com crianças e cachorros e a lua nova começava a aparecer no céu. Cauã não olhava mais o retrovisor, já tinha certeza do que veria impresso no espelho. Agora, sem se preocupar com a hora, com a rota ou com a passageira, foi dirigindo para onde o fluxo do seu pensamento o guiou. Depois daquele bairro ficava outro, do qual ele tinha somente algumas lembranças. Quando passou bem devagar em frente à primeira casa em que morou naquela cidade, sentiu como se uma pesada mão tivesse tocado a sua fronte. Olhou as horas: 18:17. Rômulo já tinha enviado mais 8 mensagens no celular e ligado uma vez.

De repente, reagindo a um impulso, Cauã olhou diretamente para o

banco de trás. Sentiu que ia desmaiar quando viu que quem lhe acompanhava era um senhor muito idoso, mas não desmaiou. Em estado de choque não esboçou qualquer reação. Simplesmente se desligou do presente absurdo, enquanto levava para o seu destino aquele senhor que tomou o lugar da mulher. Durante todo o tempo que passou, seguiu o GPS, não falou nada e não pensou mais nela. Pensava somente em por que ele dirigia aquele carro; por que comprou o carro; qual foi a última vez que se sentiu feliz fora dele; o que aconteceria se ele fosse expulso pelas avaliações ruins; o que restaria fazer sem aquilo para fazer; se seria tão ruim assim parar ou se ele realmente precisava daquilo.

Cauã deixou o senhor no destino e desligou o rádio. Foi então sem pressa buscar o Rômulo na faculdade, pensando nas mesmas perguntas repetitivamente – sem conseguir respostas concretas para nenhuma delas. Quando chegou no ponto

combinado eram 18:54. Então tentou se lembrar “Qual era mesmo o nome da mulher?”

Rômulo entrou no carro e bateu a porta fazendo um estrondo.

Não, eu não me importo de falar... Na verdade, eu gosto de falar, quando posso...

A maioria das pessoas não tem coragem de perguntar porque acham que me ofende, ou talvez porque minha aparência e a história que envolve ela ofendam elas...

Mas é claro que me afetou muito e pra mim é bom falar sobre isso... Eu ainda lembro de muita coisa. Eu podia ficar horas aqui, falando pra você de tudo que aconteceu, como aconteceu, as nuances do que aconteceu entre nós dois...

Mas eu vou tentar ser sucinto.

Hoje eu percebo que o problema não era exatamente ele ter me deixado esperando por tanto tempo, sem me dar a menor satisfação. Ele fazia isso muitas vezes. Eu sabia o que ele estava fazendo enquanto eu ficava ali, por conta. Ele tava com o carro que ele me deu, se passando por “trabalhador normal” e tentando tirar das pessoas um pouco da emoção que ele não conseguia ter nas relações espontâneas. Ele comprou o carro pra mim porque eu tinha começado a dar aula em uma escola na região metropolitana, e se fosse

depende das linhas de ônibus eu não ia conseguir voltar a tempo das aulas da faculdade. Como ele tinha grana e podia fazer esse tipo de graça, ele comprou o carro pra mim. Mas, na verdade, eu acho, como com outras coisas, que querendo ou não, ele fez isso com objetivos ocultos, talvez até mesmo pra ele. Quando ele disse que ia usar o carro enquanto eu tivesse fazendo minhas coisas, eu estranhei. Ele mesmo nunca gostou de dirigir e só andava de ônibus, táxi, uber, metrô, a pé... Nunca ligou... Aí ele falou que tava se sentindo sozinho e inútil, agora que tinha formado, mas não tinha vontade nenhuma de trabalhar na área dele.

Pra todo o tipo de comportamento estranho dele, eu não investigava, nem me preocupava tanto, porque supunha que podia ter relação com a morte da mãe e com a criação que os avós deram pra ele. Tipo, a mãe dele suicidou quando ele era muito criança. Ele não tinha nem 4 anos, eu acho. E os avós, que eram bem ricos, criaram ele. E acho que criaram ele meio com base na culpa, porque ele sempre teve muito dinheiro. Não pras coisas básicas, mas dinheiro pra gastar mesmo, que eles davam.

Quando a gente se conheceu, eu tinha chegado do interior, pra fazer faculdade, tinha mais ou menos uns quatro meses. Eu tava morando numa pensãozinha feia, numa periferia longe da faculdade. Eu não conhecia ninguém e parecia que todo mundo que se aproximava de mim reprovava a bicha pobre que gostava de música chique. Quando o Cauã demonstrou interesse em mim, e na camaradagem me ajudou a me virar naquele início, eu não sabia, nem percebia que ele era tão carente quanto eu, e mais sem estrutura. Só que com grana e boa educação. Sei lá, talvez ele sempre tenha sido meio sociopata mesmo.

Aí a gente foi ficando amigo. Ele ia me “ajudando” e, às vezes, dando uns agrados. E eu aceitava. No início, com um pouco de vergonha, às vezes dizendo que ia pagar ele, quando era uma coisa tipo um lanche ou um ingresso de uma festa.

Um dia ele disse que queria conversa. Quando a gente se encontrou, ele perguntou se eu queria morar com ele. Falou que depois que saiu da casa dos avós até gostou da privacidade, mas agora tava se sentindo sozinho e queria a

companhia de um amigo em casa. Eu aceitei. Já tava me acostumando com os agrados e pedidos dele.

O problema mesmo, acho que começou quando ele me pedia coisas que eu não queria fazer, e, mesmo sem vontade, eu não falava nada e fazia como ele queria. Acho que ali já começou a dar pra perceber a neurose escondida nos pedidos dele, mas eu ignorava. Eu me sentia meio mal, meio culpado de dizer “Não.” pra pessoa que tava me ajudando tanto. Realmente, dá pra pensar em dois Rômulos. O de antes do Cauã era uma pessoa insegura, simples, tipo da roça mesmo, ingênua. O Cauã me deixou mais confiante depois que me introduziu em um monte de culturas e significados e filosofias que eu nem sonhava. Isso também deu pra ele um certo poder sobre mim.

Antes do último episódio, depois que a gente já tava morando junto há quase três anos, já começaram a rolar umas coisas mais estranhas. Primeiro o carro. Nesse ponto, como eu disse, ele não me surpreendeu. Ele já tinha demonstrado a “grande generosidade” dele antes, se é que dá pra chamar assim. E, como eu falei também, quando

ele disse que ia trabalhar de uber, eu não quis questionar. Mas achei estranho. Daí, quando eu perguntei um tempo depois, por que exatamente ele tava fazendo aquilo e o que ele esperava disso, ele ficou eufórico e começou a falar como se estivesse relatando uma coisa extraordinária, fantástica. Sobre como era incrível se desafiar e desafiar as pessoas a manterem conversas interessantes e tentar desvendar a vida delas durante as corridas. E como era excitante, quando as pessoas eram esnobes demais para se esforçar minimamente na conversa, tirar elas dos seus caminhos normais e ver por quanto tempo ele podia “passear” com elas até elas se irritarem e mandarem ele seguir o GPS.

Ele falou por um bom tempo e eu ouvi com atenção. Mais espantado pela resposta eufórica dele, que era coisa rara demais de se ver. Depois falei que ele era muito doido e que alguém podia arranjar problema pra ele. Além de dizer que era uma fantasia meio estranha e que ele ia acabar expulso da empresa se os passageiros avaliassem ele mal. Mas não censurei ele por fazer aquilo, só falei numa boa o que eu achava.

Depois disso a gente começou a se estranhar um pouco. Eu ficava mais incomodado com algumas das coisas que ele fazia pra me agradar e me esforçava menos pra disfarçar, mas ainda aceitava os agrados e atendia aos pedidos dele. E ele começou a se gabar mais sobre a baboseira de alta cultura, dos museus, peças, filmes, livros que ele conhecia etc., e começou a me depreciar de uma forma discreta. Mesmo assim, a gente continuou se aguentando. Mas a relação foi assumiu um tom meio passivo-agressivo. Do tempo em que teve essa mudança até o último dia que a gente teve junto, ele às vezes me deixava esperando na faculdade até tarde, ignorava minhas mensagens perguntando onde ele tava e depois ficava evasivo quando eu pressionava e perguntava por que não respondia e o que ele tava fazendo...

A gente sempre voltava junto das festas, dos rolês e tal. Só que nessa época ele passou a, de vez em quando, sair na surdina e ir pra casa sozinho. Eu ficava puto, claro. Mas não me sentia no direito de confrontar ele diretamente. Num desses dias, ele saiu mais cedo e quando eu cheguei em casa ele tava lá acordado. Ele tava muito bêbado e deu a entender que queria transar.

Acho que eu fiquei uma eternidade pensando no que falar.

Na minha cabeça eu nunca pensei no Cauã assim, eu não entendia exatamente qual era a dele em relação a isso, e ainda assim, sem entender direito o porquê, eu tava muito tentado a ceder. Mas começando imaginar nós dois juntos eu já me senti muito estranho e falei com ele que não ia rolar, que ele tava muito bêbado e que ele era meu melhor amigo... Não tinha como. Aí ele ficou puto. Me deu as costas e saiu resmungando. Eu na hora achei graça, ri e fiquei meio com pena. Depois fui dormir e no outro dia fingi que nada tinha acontecido. Achei que era melhor, sabe? Mas comecei a fazer uma retrospectiva de tudo.

Daí as coisas continuaram numa queda gradual. Depois de um tempo a gente mal conversava e tinha uma hostilidade no ar sempre que a gente tava junto. Eu tava indo dar aula de manhã, depois ia pra faculdade, deixava o carro com ele e ele me buscava. Minha aula acabava seis horas, e parecia que ele cada dia se atrasava mais pra me pegar. E naquele dia que eu fiquei esperando,

pensando todo o tempo no absurdo que a relação tinha virado, tentando calcular há quanto tempo eu negava para mim mesmo que eu tava infeliz. Cada minuto parecia uma hora. Eu não sabia com certeza, mas sentia há um tempo. Não tinha como o fim daquilo tudo ser harmônico, sabe? Ia ser catastrófico. Todas as vezes que por algum motivo a gente discutia, nem precisava chegar a uma briga de fato, vinha minha voz falar na minha cabeça “Eu tenho que dar um jeito de sair dessa merda”. Mas isso nunca se tornava uma decisão cristalina, objetiva, que eu assumiria conscientemente. E as brigas tavam rolando com mais frequência.

Então, naquele dia, eu estava há uma hora remoendo uma situação que se acumulou por anos, e ainda tinha um motivo concreto pra estar puto. Quando eu entrei no carro, nem quis olhar na cara dele. Bati a porta com toda a minha força, mas minha vontade na hora era ter esmurrado e chutado a porta várias vezes. Eu entrei, sem falar nada, achando que ele ia reclamar da porta. Mas ele arrancou e também ficou mudo. Aí eu comecei a ficar com mais raiva, porque senti que ele tava me tratando como um dos tipos de passageiros que ele desprezava ou como se fos-

se só uma pessoa qualquer, como se nada tivesse acontecendo. Então comecei a xingar ele. Primeiro só falei que ele era um egoísta cuzão. Ele não me olhou de volta... Eu fiquei com mais raiva e daí só lembro que disparei uma sequência: “Bicha enrustida”, “Filhinho da vovó que teve tudo fácil na vida”, “Infeliz sem mãe”. Sei lá, eu falei coisa pra caralho... E por aí foi... Saiu tudo de uma vez. Pareceu que caiu uma cortina vermelha na minha frente e eu não via nada. Só saí com os braços esticados puxando a cortina para os lados e chutando pra frente, descarregando alguma coisa que tava entupida dentro. Eu falei um monte antes dele esboçar qualquer reação.

Quando ele começou a responder eu não ouvia as frases completas, só uns trechos soltos, carregando as ofensas que eu sabia ele não falava, “Bicha pobre”, “Acha que entende alguma merda de música”, “Tudo eu que te dei”, “Merda interessante”. Nisso, o carro acelerava e a cortina vermelha foi escurecendo, enquanto eu parti pra cima dele. Eu lembro de sentir os impactos nas mãos, nos braços... Depois senti na cabeça, nas pernas, no peito, no corpo todo. Então, ficou tudo preto, e eu só lembro de acordar no hospital.

TRÍPTICO

No outro dia, quando eu já estava me sentindo melhor, me disseram que um homem morreu no acidente, e que eu quase morri também.

Jota, eu sei que seu aniversário passou tem um tempo. E eu até te dei parabéns e queria muito poder ter ido aí te dar um abraço, e ter como conversar as coisas como elas devem ser conversadas: daquele jeito leve, mas sem perder a seriedade; olhando nos olhos e vendo o brilho no olho um do outro. Melhor ainda se fosse na beira do lago, com o sol se pondo e a promessa de um jantar da vó, esperando a gente mais tarde. Mas cê sabe que longe ou perto eu penso na nossa amizade do mesmo jeito. Dizem que quando duas pessoas são amigas por mais de 8 anos, não importa quanto tempo elas fiquem sem se ver, vão ser amigas sempre. E, desde que eu vim pra cá estudar, não que a gente se distanciou, mas a ausência do olhar deixa um vazio dentro da gente que eu preciso preencher. Ainda mais aqui nessa cidade onde tudo é estranho e gente, quando não ignora o outro, estranha gente sem ter porquê. Então esse vazio, eu quero preencher com um monte de palavras, que se a gente tivesse no mesmo lugar eu dividiria de uma outra forma com você.

Aqui é tudo muito grande. Tem ônibus pra ca-

ramba e eles são de tudo quanto é cor. Ainda não sei se elas significam alguma coisa, mas eu gosto de imaginar que as cores têm correspondência com a energia dos destinos pra onde eles levam. O ônibus que eu pego pra faculdade é azul, e dentro dele eu tô sempre com sono. Não sei se por causa da energia da faculdade, do balanço do ônibus ou só porque eu acordo muito cedo. E no ônibus ninguém fala com ninguém, é cada um com o nariz no celular ou dormindo, e, às vezes, um ou outro com um livro. De vez em quando é que alguém tem outra pessoa pra conversar no ônibus. É muito estranho andar na rua e ver que ninguém pára pra conversar com ninguém. Ninguém se conhece, e acho que mesmo se parassem pra conversar, ninguém ia se entender, porque parece que todo mundo tem medo do outro ou não quer saber de ninguém além de si. No geral, é assim que funciona por aqui. Tirando um moço que mora debaixo da marquise do lado do ponto do meu ônibus. Na verdade, morava.

Agora, eu preciso dizer que eu não sei se você tá lendo isso agora com algum outro amigo nosso, ou se você tá com tempo, ou se tá leve

dos humores. Então te digo pra parar agora e ver um pouco de TV, Faustão, futebol, Netflix, o que quer que você esteja vendo ultimamente, e só terminar de ler quando você tiver tranquilo, porque o caso desse moço é bem triste, mas me fez ver um tipo de beleza que eu não conhecia e pensar algumas coisas que eu nunca tinha pensado. E depois quero saber o que você pensa e se já conheceu algum caso assim.

Esse moço, logo nos primeiros dias de aula, eu reparei que ele às 7h já tava se empurrando na cadeira de rodas pro outro lado da rua, onde ficam uns pombos e outros pássaros ciscando, pra dar pra eles farelos dos pães que ele ganhava da padaria. Depois, quando voltava da aula, eu via ele pedindo esmola ou deslizando pelo bairro, xeretando nas latas de lixo. Parecia que ele tava ali desde que a cidade nasceu, tipo um personagem em um cenário triste. Um dia ele pediu um trocado pra mim. Eu dei, e comecei a puxar a língua dele, nem sei por que, acho que só pela falta de companhia pra conversar na cidade nova. A gente ficou conversando um tempo e, depois desse dia, ocasionalmente a gente conversava um pouco, quando eu tava

voltando do ponto do ônibus pra casa.

Ele era muito educado, mas sempre melancólico. A cadeira de rodas velha, os trapos cobrindo o corpo. Depois de um tempo, já com uma intimidade, eu perguntei sobre a deficiência dele: se era de nascença ou se tinha sido acidente. A melancolia virou uma lágrima que inundou o olho. Nesse dia ele me contou a história.

Ele não era da cidade. Tinha nascido no interior, filho de caseiro. O único filho de um casal já meio velhinho. Na roça, eles trabalhavam pra famílias de gente rica.

Um dia, voltando do açude onde pescava quando não tava ajudando o pai, ouviu na mata por onde cortava caminho um choro e uns gritos abafados. Foi chegando perto, bem devagar, pra ver o que era. E quando viu, não dava pra voltar atrás. Ficou ali, prostrado, encarando o menino mais velho que segurava a menina que gritava, enquanto outros dois que tavam de costas faziam coisas que ele tinha vergonha demais pra conseguir falar comigo. Quando

viu que tava parado há muito tempo, ele correu e dois logo correram atrás.

Alcançaram ele quase chegando na trilha e bateram nele até desmaiar. Quebraram ele todo, de pau, soco, chute... Na cabeça, nas pernas, na cara, no corpo todo... Fizeram tanta crueldade que eu não tenho coragem de te contar também. O coitado ficou aleijado. Ficou no hospital muito tempo, mas nunca mais andou.

Uns poucos anos depois, a menina que ele tinha visto sendo violentada na mata suicidou. Ela engravidou e teve o filho na época. Quando ela morreu ele tinha só 3 anos. Eu não lembro direito, mas acho que ele disse que ela chamava Fernanda. Na mesma época ele ainda perdeu o pai e teve que mudar com a mãe para a cidade. Eles tinham um barraco na favela, mas quando a mãe também adoeceu eles tiveram que ir pra rua. Ela morreu alguns meses depois.

Daí que ele foi parar naquela marquise. E disse que só lembra de ser feliz até aquele dia em que saiu do açude. Daquela mata em diante,

tudo na vida pra ele era tristeza. Ele perdeu a fé na vida, ou, no mínimo, na humanidade. De um jeito sombrio, ele acreditava que aquela tristeza era sua pena, pra depois, com a morte, ter a felicidade eterna. Sua recompensa pelo sofrimento em vida.

Semana passada eu tava voltando pra casa da faculdade e, de dentro do ônibus, eu vi as luzes de ambulância e um carro batido na esquina do ponto. Mas foi só quando eu desci do ônibus e vi a cadeira de rodas tombada na rua que me dei conta de que ele tinha sido atropelado. Chorei muito, pensando que tinha perdido o primeiro amigo que eu fiz nessa cidade. Naquele dia eu chorei até dormir, por mais que não soubesse nada dele muito além daquela história triste e horrorosa. Não sei, acho que depois que a gente se conheceu fiquei mais tranquila de saber que eu não tava mais totalmente sozinha na cidade, e que tinha alguém que cuidava de mim com um olhar, quando eu atravessava a rua ou chegava mais tarde em casa.

Eu senti que tinha que ir no velório. Na verda-

de, eu fiquei surpresa de saber que ia ter um. Uma vizinha, que veio bater na porta e perguntar se eu tava bem, me ofereceu um chá e falou do velório. Ele tinha mais amigos ali no bairro do que eu. Não sei se isso me deixou mais ou menos triste.

O velório no outro dia foi simples, como des-ses que têm aí. Mas teve uma coisa que eu nunca tinha visto, e que eu duvido que você também tenha.

Quando eu cheguei perto do caixão eu vi que ele tava lá, morto, pálido, mas sorrindo. Cé acredita? Pode acreditar. Ele tava sorrindo! Eu nunca vi um morto com sorriso. Fiquei me perguntando: “Será que alguém forçou a boca dele daquele jeito?”; “Ou será que ele sorriu quando viu que ia morrer e o rosto fixou assim?”; “Pode ser possível que, depois que ele morreu, ele se sentiu feliz e o corpo morto entendeu?”.

Não sei, Jota. Acho que esse vai ser um mistério daqueles que nunca têm solução. Fiquei pensando muito sobre a felicidade, a vida e a

morte depois disso. Porque tem gente que conhece a felicidade em uma época da vida e depois tem só tristeza. Tem gente que vive a vida toda triste e vai descobrir a felicidade depois de velho. Tem gente que parece que é muito feliz e nem sabe por que. Tem gente que só conhece a tristeza e às vezes nem repara, ou finge que não.

Será que tem como conseguir a felicidade pela morte? Ou será que a morte é último fim da felicidade? A morte é o fim de tudo? Acho que aí então é que seria uma tristeza sem fim. Tudo sinistro. Escuridão.

Cê deve tá achando que eu tô ficando doida, né? Papo de morte e felicidade, e vida e tristeza sem fim. Mas não se preocupe não. Por mais que a vida aqui tenha umas coisas e lados sinistros, minha felicidade mesmo eu tô encontrando um pouco na faculdade, um pouco nas coisas novas que descubro por aqui... Um pouco no carinha bonitinho que eu tô vendo e que hoje me chamou pra ver uma peça chique... Vai me pegar aqui em casa e tudo!

Depois do velório eu até fiz amizade com umas vizinhas do bairro.

Então minha felicidade aos poucos tá se espalhando pelos lugares e a morte eu só contemplo de relance, assim, pelos olhos dos outros. Ainda tenho um pouco de medo do incerto e aversão à morbidez. Acho que se a felicidade existe, ela tá aqui nessa vida pra gente buscar. E pode ser que às vezes, a felicidade esteja além da capacidade da vida, mas com certeza ela não existe na morte. Acho que deve ser por isso que eu tenho medo da morte. Acho mesmo que a morte pode ser um nada, uma absoluta ausência. Parece tedioso e eu sou muito inquieta.

Inquieta para a morte. Pretensiosa demais... Você com certeza vai achar.

Fala com a Rita que eu mandei um cheiro pra ela e fala com sua mãe que tem uma padaria aqui com um bolo bom demais, quase igual ao dela. Só não é igual porque não botam as raspas de côco grandes que nem ela faz. Mas pelo menos dá pra enganar a saudade de to-

*mar um café com ela quando cê tá atrasado.
E pode preparar pra conversar mais assim, por
escrita longa, e me responder como se deve.
Se não dá pra gente se confessar pessoalmente
com o cenário da roça de pano de fundo, pelo
menos vamos nos esforçar pra deitar no papel
esses sentimentos que acostumamos a traduzir
no olhar.*

*Se quiser pode me visitar... Você, a Rita, sua
mãe... Até seu irmão. Só não traz seu cachorro
que a síndica daqui é uma bruaca chata (e ele
fede).*

*Hoje tá um dia lindão, vi um monte de ipês
amarelos, e um ou outro cor de rosa, e lembrei
de você. Deu saudades... Da terra, do cheiro do
ar aí nessa época...*

*Te vejo logo? Espero sua resposta por esses
dias...*

Saudades e beijos!

